

NOVAS PRÁTICAS JUVENIS DE LEITURA – CULTURA DIGITAL E FORMAS DE APROPRIAÇÃO¹

FRESH YOUNG READING PRACTICES – DIGITAL CULTURE AND WAYS OF APPROPRIATION

Patrícia Aparecida Machado²
Rosa Maria Hessel Silveira³

RESUMO: O presente trabalho, de cunho teórico, propõe-se a discutir como as práticas de leitura de jovens inseridos na cultura digital vêm se redefinindo na contemporaneidade, considerando os lugares onde circula a literatura, suas múltiplas configurações e novas formas de apropriação. As reflexões trazidas são inspiradas, entre outros autores, por Cerrillo, em sua ênfase à literatura juvenil para a formação de leitores, Colomer, ao caracterizar a literatura juvenil contemporânea como um lugar de fronteira, Cosson, que explora o processo de alargamento do fenômeno literário, e Lluch, que analisa as transformações da literatura e do leitor atravessadas pelo mercado e mundo digital.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura juvenil. Práticas de leitura. Cultura digital.

ABSTRACT: This theoretical paper aims to discuss how fresh young reading practices embedded in the digital culture has reshaped themselves in contemporary times, considering places where literature, its multiple configurations and ways appropriation circulate. Reflections drawn on writers such as Cerrillo, with his emphasis on young literature for formation of readers, Colomer, by characterising contemporary young literature as a border, Cosson, who explores the widening process of literary phenomenon, and Lluch, who analyses literature and reader transformations cut across by market and the digital world.

KEYWORDS: Young reading. Reading practices. Digital culture.

¹ Artigo recebido em 15/04/2020 e aceito para publicação em 15/06/2020.

² Mestre e Doutora em Educação pela UFRGS; pesquisadora associada do NECCSO - Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8350-7701> - e-mail: patricialiveira.m@gmail.com

³ Mestre em Letras e Doutora em Educação pela UFRGS. Professora colaboradora convidada do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS e coordenadora do NECCSO – Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5797-6627> - e-mail: rosamhs@gmail.com



Introdução

Vivemos numa cultura digital – eis uma assertiva que se aplica ao Brasil e a todos os países que, de alguma forma, se inseriram no processo de globalização, reconhecendo as disparidades socioeconômicas que bloqueiam para determinados grupos o acesso à tecnologia. Efetivamente, podemos considerar tal cultura como um tecido social e cultural que atinge praticamente a nós todos e se infiltra também no panorama contemporâneo dos espaços de leitura e de ampliação literária. Isto significa dizer que, se por um lado, é possível constatar o afunilamento da abordagem da literatura na escola, associada ao livro impresso, por outro, percebemos um alargamento do espaço da literatura a partir do seu reposicionamento no universo cultural, agora difundida em diferentes formatos e veículos, usualmente em composição com outra manifestação artística (COSSON, 2017), resultando em outras e novas práticas de leitura.

Neste sentido, a inserção na cultura digital tem oportunizado aos jovens leitores novos itinerários de leitura, em que as vivências na web e a utilização de artefatos digitais móveis têm se tornado sinônimo de liberdade de escolha, muito embora essa liberdade seja permeada pelo mercado. Com os avanços das tecnologias digitais, várias linguagens convivem em um único suporte de leitura, permitindo um trânsito ágil de uma linguagem para outra – das páginas do livro para o cinema, do filme para a música – de forma que as narrativas textuais, imagéticas ou sonoras se mesclam, se complementam, se ampliam e se entrecruzam. No conjunto dessas transformações, novas possibilidades de contato com o literário têm ajudado os jovens leitores a percorrerem outros percursos de leitura. Assim, podemos dizer que, diante dessas transformações culturais, o literário como conjunto de “trabalhos artísticos criativos que interrogam os contextos, as histórias e as produções de literatura”, conforme argumenta Hayles (2009, p. 22), tem se ampliado. Para Hayles, os novos horizontes pelos quais caminha o literário devem levar em conta questões acerca do domínio digital, que têm testado os limites do literário e “desafiam-nos a repensar nossos pressupostos do que a literatura pode fazer e ser” (2009, p. 22). Tais horizontes envolvem tanto o acesso e a recepção do texto literário, quanto a sua adaptação à linguagem digital.



Nesse sentido, no presente trabalho buscamos trazer um conjunto de reflexões que envolvem a literatura e a leitura juvenil, bem como compreender algumas tendências relativas a novas práticas de leitura juvenis. Não pretendemos discutir exaustivamente o tema, apenas contextualizar algumas questões relativas ao literário, à leitura literária e à literatura juvenil na contemporaneidade, para compor o que se tem desenhado sobre a apreciação, interesses e itinerários de leitura de jovens leitores, e, assim, poder vislumbrar alterações no contexto cultural de suas práticas de leitura e na composição no universo cultural dos jovens.

Assim, buscamos trabalhar algumas preocupações referentes à função literária e ao seu enlace com as práticas de leitura desses jovens leitores, considerados em formação. A questão aqui abordada se relaciona a como a leitura de jovens inseridos na cultura digital se configura entremeada aos novos processos e produtos culturais, buscando compreender como o literário tem participado dessa formação leitora a partir de um contexto cultural que expande a cena literária contemporânea⁴.

Alguns apontamentos sobre literatura

No interesse de compreender os sentidos e significados do literário em nossas vidas, Lluch argumenta que a literatura é “um meio de reflexão sobre a própria experiência e a experiência dos outros. Uma simples atenção ao que ‘acontece em mim’ a partir do que acontece aos outros, mesmo que esses ‘outros’ sejam personagens fictícios, já retrata um tipo de experiência ética”⁵ (2012, p. 2). Centrando seu foco na ficção, especificamente, a autora argumenta que a base de uma leitura reflexiva é a capacidade de se ver e se enxergar na(s) personagem (ns), na história, fazendo um elo entre o ficcional e a vida cotidiana. Entendemos, juntamente com Lluch, que as narrativas ficcionais nos permitem exercitar a

⁴ Este trabalho consiste em um recorte de uma pesquisa de doutoramento desenvolvida no PPG Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo objetivo maior foi o de compreender as práticas de leitura de jovens leitores dos 6º e 9º anos do Ensino Fundamental, inseridos na cultura digital. A coleta de dados ocorreu entre os meses de junho e dezembro de 2019, em duas escolas públicas da cidade de Porto Alegre.

⁵ Trecho original: “un medio de reflexión sobre la propia experiencia y sobre la experiencia ajena. La mera atención a lo que ‘sucede en mí’ a partir de lo que les sucede a otros, aunque esos ‘otros’ sean personajes de ficción, es ya una suerte de experiencia ética” (p. 2, grifos do autor); tradução nossa.



prática de sermos aquele personagem sobre o qual estamos lendo, personagens que emergem em cenários, circunstâncias e contextos variados.

Ao nos colocarmos de maneira tão próxima de uma vida que não é a nossa, poderemos desenvolver a capacidade de “vestir” a pele do outro, não necessariamente para entender quem somos, mas para buscar identificações com aquele personagem que tem tanto em comum conosco, seja em sonhos, aspirações, atitudes, reações etc. Para Lluçeste seria o objetivo central da leitura (de ficção), ressaltando, em sua opinião, o quanto estaria difícil essa construção nos dias atuais, dada a complexidade de fatores envolvidos e o peso dos interesses da indústria cultural.

Nessa mesma direção, Nunes (1998) destaca a importância ética da leitura de textos ficcionais de caráter literário, tomando a palavra ética em sentido amplo de *ethos*, como forma de ser e de agir. Para o autor, tal importância viria do valor de descoberta e de renovação para uma experiência intelectual e moral. A prática da leitura seria, assim, um exercício de conhecimento do mundo, de nós mesmos e do outro (1998, p. 175). Nessa perspectiva, a experiência de leitura extrapola o individual, como ato solitário, e se transmuta numa experiência cumulativa da própria vida. Assim, o texto literário levaria o leitor a suspender o real, proporcionando-lhe uma tomada de consciência de si e da realidade em que se insere e a experiência proporcionada pela leitura literária se prolongaria pela vida, completando-se fora do livro, pois teria um poder de iluminar o real ao afastar-se dele, propiciando a vivência de uma realidade mais complexa. Isto é, somente a leitura literária possibilitaria compartilhar o conhecimento do particular e da subjetividade, de forma profunda, diferenciando-a de outras leituras utilitárias (NUNES, 1998).

O alcance ético das obras literárias estaria delineado em sua capacidade de nos informar sobre o amor, o ódio, e de todo o saber de nós mesmos e dos outros, dos sentimentos primários como a estima, o respeito de si próprio e do reconhecimento do sujeito humano, de sua liberdade ou de sua existência, da compaixão e do sofrimento, através da linguagem, articulados pela literatura (NUNES, 1998, p. 178). Dentro de tal ótica, o leitor, ao preencher as lacunas do texto, criaria seu próprio espaço de contemplação estética e de vivência ética, tornando algumas obras



complexas da literatura clássica, por exemplo, reveladoras em momentos de extrema tensão, estimuladoras de sua imaginação, podendo ampliar a capacidade de reflexão sobre a própria condição humana, sobre o mundo e sobre o outro.

No mesmo diapasão, Candido postula que a literatura desenvolve em nós uma cota de humanidade, na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade e o semelhante (1989, p. 117), defendendo que o papel fundamental da literatura é levar o homem a refletir sobre o que nos torna humanos. A humanização seria um processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas do mundo e dos seres, o cultivo do humor. Assim, para Candido, o caráter formador da literatura vem das ligações profundas que ela estabelece com o mundo em que vivemos e em sua capacidade de configurar, de forma complexa, a experiência humana, atuando “como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (1972, p. 804). Resulta daí o fato de a literatura ser mais ampla que um conjunto de princípios morais ou de finalidades utilitárias, pois ela ensina a partir da própria vida, com suas “luzes e sombras”, sem uma única intenção de fixar normas de virtude e de boa conduta. Ou seja, a arte literária conduziria o leitor a ter contato com as mais abrangentes maneiras de constituição da realidade, levando-o a questionar e refletir sobre as convenções sociais.

Candido também propõe que o reconhecimento da qualidade artística da obra literária (sempre um tema controverso) não deveria ser dissociado dos elementos do campo literário que a constituem, seja o modo da construção linguística, sejam os fatores externos à obra, tais como sua produção, circulação e o consumo. Para o autor, a formação de uma tradição literária depende de um sistema articulado entre autores, obras e leitores, e seria essa dinâmica interna, reconhecida socialmente, que lhe conferiria valor artístico (CANDIDO, 1976).

Diante da importância da leitura literária na confirmação da nossa cota de humanidade, do seu papel no exercício do conhecimento de si, do outro e do mundo, de sua capacidade de



ensinar a partir do vivido e, nesse sentido, levar as pessoas a questionarem as convenções e o contexto, podemos pensar se o tipo de leitura ficcional propagado atualmente entre os jovens tem sido capaz de proporcionar tal alcance. Além disso, podemos pensar como, na contemporaneidade, a literatura está sendo inserida na cultura juvenil a partir de variadas formas de comunicação e manifestações culturais, para então, buscar recuperar seu sentido como “palavra quapalavra”, independente do seu registro ou canal de transmissão, como entende Cosson (2017, p. 15).

Para este autor, a literatura estaria passando por um processo de ampliação ou alargamento, ao ser difundida em diferentes formas e meios, associada a outras manifestações artísticas. Entender que uma condição literária não se manifesta somente nos textos, mas também no cinema, na música, nas HQs, nos games, na literatura digital, entre outras, seria entender que, em todas essas manifestações, é possível utilizar a palavra de modo literário, ou seja, o terreno em que todas essas manifestações se movem é comum: o espaço literário (2017, p. 19). Isto é, não se trabalharia mais com a ideia de elevar um determinado objeto à categoria de literário por sua condição estética ou artística, partindo dele mesmo, “mas sim ver como a palavra feita literária participa daquele objeto” (2017, p. 19).

Em outras palavras, as manifestações e produtos culturais seriam literários não porque tivessem assumido as funções anteriores da produção poética e da ficção, como entretenimento, arrebatamento, prazer estético ou outra função comumente arrolada, ou mesmo por terem atingido uma maturidade e, por isso, passariam a ser enobrecidos com o rótulo de literários. Antes disso, segundo Cosson, isto aconteceria “porque é assim que a literatura se apresenta atualmente/ se configura em nossos dias” (2017, p. 19), espraiada pela cultura, acompanhando uma infinidade de formas de comunicação e manifestações culturais contemporâneas. Assim, para se discutir os lugares onde circula a literatura, suas múltiplas configurações e as diferentes formas de apropriação, torna-se importante, como ponto de partida, entender juntamente com Cosson (2017), que o humano é constituído da mistura de vários corpos e, dentre eles, o corpo linguagem ocuparia um lugar especial por ser a linguagem a forma de acessar o mundo. Isto é, o mundo seria aquilo que a linguagem nos permite dizer, através



do uso da palavra. Na linguagem estão os valores e significados culturais; através dela é que os pensamentos, ideias e sentimentos se fazem presentes em uma cultura e se corporificam.

Ainda seguindo os argumentos do autor, nas sociedades letradas, o uso da linguagem se dá centralmente pela palavra escrita, pois de diferentes maneiras as transações humanas passam pela escrita, mesmo aquelas aparentemente orais ou imagéticas, por exemplo. Assim, a palavra escrita, como signo, seria a principal porta-voz dos significados, tendo a palavra literária a potencialidade de representar os saberes sobre o homem e o mundo (2017). A partir dessa potência, a literatura nos possibilitaria dizer o que não sabemos expressar de outras maneiras; dar forma aos sentimentos; fazer fluir a imaginação e a fantasia; e, de forma expressiva, dar cor, sabor e forma às coisas do mundo, ao outro e a nós mesmos.

Dessa forma, entendida a literatura como “o uso da palavra para criar mundos ou um sentido de mundo”, são válidas as transformações dela em novas manifestações como música, cinema, games, que são apropriados pelos jovens leitores para outros fins (COSSON, 2017, p. 23). No entanto, o que vale buscar compreender é como a palavra feita literatura participa de uma ou outra manifestação ou objetocultural. De qualquer forma, a discussão sobre a conceituação do literário e/ou da literatura parece sempre interminável e aberta a novos elementos e argumentos. Na medida em que a literatura penetrou, de diversas formas, nas redes sociais, abrindo-se, por vezes, a intervenções, recriações, comentários, ela se transforma e se hibridiza. Observe-se que, no momento atual, devido à pandemia, à necessidade de isolamento social e à interrupção das aulas presenciais para milhões de alunos em todo o globo, novas relações com as mídias se estabelecem, incluindo múltiplas e inusitadas utilizações da rede para o ensino remoto, numa situação cuja influência é difícil de prever, mas que certamente terá repercussões na própria produção e recepção do literário pelos jovens. Neste sentido, sem qualquer pretensão de esgotar o tema e fazer prognósticos futuros, nosso intuito aqui foi apenas trazer alguns elementos importantes das reflexões sobre o literário, para contextualizar alguns caminhos que a literatura juvenil contemporânea tem tomado.



A caracterização contemporânea da literatura juvenil

Em uma perspectiva mais ampla, podemos dizer que a literatura infantojuvenil já existia antes de seu reconhecimento, se tratando de um campo imenso, poroso e versátil, como descreve Díaz-Plaja (2009, p. 119). Compreender as tendências ou temáticas da literatura juvenil tem como intuito pensar as características dos textos, suas relações com o discurso sociocultural e como ela tem se configurado como expressão da experiência humana para os jovens leitores.

Para Cerrillo, a literatura infantojuvenil moderna, mais despreendida das influências pedagógicas, surgiu em meados do século XX, com um poderoso movimento de renovação e valorização dos processos criativos e da recepção de seu público, no mundo ocidental. O autor argumenta que “a coexistência da realidade e da imaginação, por um lado, e o compromisso determinado em brincar com a linguagem, como uma excelente maneira de expressar o mundo das crianças, por outro, levaram ao feliz começo de um caminho próprio na LIJ ao redor do mundo⁶” (2016, p. 78).

Já com relação à literatura juvenil contemporânea, observa-se que, através do investimento da indústria editorial, com um olho numapotente fatia do mercado, elatem conseguido de variadas formas atrair o jovem leitor para a leitura. Há uma grande produção e circulação de livros, como um produto cultural que concorre com outros produtos pelo interesse dos jovens. Assim, temos tanto obras que buscam garantir uma qualidade estética quanto aquelas que abrem mão dessa qualidade em atendimento às concessões do mercado de consumo. Mas, como vimos na seção anterior, os próprios conceitos de literatura e de leitura literária vêm sendo largamente problematizados.

Em uma das tendências contemporâneas, alguns autores de literatura juvenil colocam em xeque as convenções, os códigos e as normas que regem o gênero, buscando superar assuntos tabu, se valendo, muitas vezes, de mais audácia que os autores da literatura para adultos e usando de técnicas narrativas complexas – polifocalização, discurso metaficcional, mistura de gêneros,

⁶ Trecho original: “la convivencia de realidad e imaginación, por un lado, y la decidida apuesta por el juego con el lenguaje, como una excelente forma de expresión del mundo infantil, por otro, propiciaron el feliz inicio de un camino propio en la LIJ de todo el mundo”; tradução nossa.



finais em aberto, intertextualidade, ironia, paródia –, provocando um borramento de fronteiras entre a ficção infantojuvenil e a ficção para adultos (BECKET *apud* MATIA, 2017, p. 28). Podemos exemplificar alguns desses recursos com a série de livros juvenis *Percy Jackson e os olímpianos*, de Rick Riordan, que se vale da intertextualidade com temáticas valorizadas do ponto de vista cultural, articulando a mitologia greco-romana à contemporaneidade, com personagens míticas, centauros, deuses e semideuses, inseridos em uma narrativa do presente. Além disso, as narrativas das obras têm finais abertos que tanto despertam a imaginação do leitor como abrem espaço para a continuação nos outros livros, à maneira dos folhetins.

Por outro lado, Bloom, a partir de uma posição tradicional, notabilizada em sua obra *O cânone ocidental*, argumenta que “a maior parte do que se oferece comercialmente para crianças e jovens seria um cardápio inadequado para qualquer leitor de qualquer idade em qualquer época” (2003, p. 13). Ou seja, a literatura voltada para jovens leitores se configuraria como uma literatura fácil, quando comparada à adulta, preenchendo um nicho meramente mercadológico, já que tais subdivisões causariam um empobrecimento literário, considerando que a literatura deveria possuir um alto grau de maturidade estética e não ser massacrada e categorizada pela indústria cultural.

Em direção diferente dos argumentos de Bloom, Crúvinel entende que a literatura juvenil contemporânea tem privilegiado as narrativas sob a ótica do mundo interior do protagonista, “não adulto”, preocupando-se não só com o “enriquecimento das estruturas narrativas, mas também com uma crescente complexidade no que concerne à literariedade das narrativas juvenis” (2009, p. 25). Por meio de uma linguagem mais espontânea e próxima da oralidade, haveria uma busca do prazer do leitor jovem através de uma forma expressiva e um tom mais leve, humorístico, mesmo diante de acontecimentos graves. Também há uma preocupação em abordar os meandros da vida íntima do jovem, narrando seu amadurecimento diante dos conflitos que vivencia; o autor enfatiza que mesmo os gêneros como o romance histórico e o romance realista perdem seus contornos mais fixos para abordar o desenvolvimento físico e moral da personagem. Dessa forma, o moralismo e o didatismo têm cedido espaço para temáticas ligadas à



realidade juvenil e temas de todos os tempos, como a morte, o amor, a perda, que passaram a ser abordados a partir de um olhar do jovem (CRUVINEL, 2009).

Complementando as considerações anteriores sobre a qualidade literária, Cerrillo afirma que é necessário reivindicar a dimensão artística da literatura juvenil, valorizando seu discurso e seu leitor e entendendo que não se deve modificar a exigência da linguagem poética em função da idade (2016, p. 84). O autor chama atenção para o fato de que nem todos os livros oferecidos aos jovens leitores podem ser considerados “literatura”, mesmo que lhes despertem interesse. Cerrillo defende a importância da literatura juvenil contemporânea para a formação de leitores literários e a relevância de sua busca de interpretação do universo dos jovens e das crianças. Ele entende que ela deva incluir a realidade em que vivem, sem desprezar os seus contextos, ambientes e implicações sociais, abordando todos os tipos de temas, problemas, aspectos e questões da vida pública, sem a necessidade de “adoçá-los, sem doutrinar ou dar lições de não se sabe o quê”⁷ (2016, p. 85). Ele ainda complementa, afirmando que a literatura tampouco deve renunciar à sua capacidade de gerar, despertar ou provocar múltiplas expectativas nos leitores, indo além do mero entretenimento ou do prazer de ler.

Pode-se postular, a partir das considerações anteriores, que o ético e o estético são categorias fundamentais para se pensar a literatura juvenil. Nesse sentido, Turchi afirma que a literatura não deve se prender às amarras do pedagógico, mas deve se realizar como arte, o que significa que nela não devem estar “proclamados conteúdos morais, mas (...) a emoção que a arte provoca que nasce de um impulso contemplativo, em que o estado estético se traduz numa reflexão existencial, como paradigma para a vivência ética” (2004, p. 40). Tais questões apontam para a ambivalência que caracteriza a literatura juvenil, marcada pelo imperativo de ter qualidade literária, sem perder de vista as expectativas de leitura dos jovens leitores. Tal ambivalência pode ser um motor propulsor de inovação na literatura juvenil e deve ser compreendida no interior de uma dinâmica mais geral de transformações sociais, culturais e econômicas contemporâneas. Daí,

⁷ Trecho original: “dulcificarlos, sin doctrinarni dar lecciones de no se sabe bien qué cosa”; tradução nossa.



a necessidade de se buscar problematizar o campo da literatura juvenil contemporânea, suas ofertas literárias, seus contornos éticos e estéticos, as expectativas e gostos dos jovens leitores, sua vinculação com o mercado cultural e editorial, entendendo todos estes elementos como inseridos em sociedades de consumo, atravessadas pela cultura digital. Por outro lado, vale mencionar a eclosão mais recente, no panorama literário, de abordagens das temáticas de gênero e etnia, incidindo, às vezes intencionalmente, na constituição das identidades dos jovens leitores.

Entre tendências e temáticas: novas práticas de leitura juvenil contemporâneas

Em relação a tendências e temáticas da literatura para jovens, Colomer argumenta que a literatura juvenil conta com as mesmas tendências da literatura atual em seu conjunto, mas “ocupa um lugar de fronteira no sistema cultural: lugar de fronteira entre a literatura infantil, a qual [os leitores] estão abandonando, e ao mesmo tempo a literatura adulta, legitimada e oferecida a eles pela escola” (2015, p. 142), além do hibridismo com os mundos de ficção do audiovisual – filmes, series, HQs, games. Neste cruzamento é que a ficção juvenil se desenvolve. Colomer ainda aponta três traços distintivos da literatura infantojuvenil na atualidade: uma constelação de novos valores; o triunfo da fantasia e a ampliação dos temas. Assim, em função da incorporação de valores oriundos das sociedades capitalistas ocidentais e pós-industriais, os personagens infantojuvenis, nas obras literárias, passam a enfrentar ambiguidade dos sentimentos, complexidade dos conflitos e mudanças de perspectiva. Colomer observa que os novos valores sociais trazem um novo tipo de vida próprio das novas sociedades de consumo assim como novas configurações familiares, presentes em narrativas que pretendem capturar o público jovem.

Observa-se, então, que uma literatura que se construiu tradicionalmente sobre a aventura externa passa a abordar, também, conflitos psicológicos. Assim, para personagens adolescentes, abundam os problemas de crise de amadurecimento, com conflitos girando em torno das relações humanas, especialmente familiares, além dos efeitos do exterior em sua própria conquista



de autonomia. Nesses casos, frequentemente a voz do narrador é cedida aos protagonistas crianças e jovens, e a narrativa é em primeira pessoa. Também pode haver um convite ao leitor para acompanhar o protagonista na exploração de suas próprias perplexidades, empregando formas narrativas fragmentadas. Esse recurso permite ao jovem leitor separar-se do eco de uma voz adulta que controle, valorize e administre a informação, como no caso de narradores oniscientes (COLOMER 2015, p. 212).

Por outro lado, como fenômenos próprios da produção cultural atual, emergem formas provenientes da inter-relação entre literatura e outras mídias, com o uso de múltiplos recursos materiais, que chamam para o consumo e buscam a participação do leitor/consumidor de diferentes formas. Surgem variadas narrativas com apelos e referências culturais compartilhadas, apresentando fragmentação das unidades narrativas e ritmos vertiginosos, que nos mostram um tipo de ficção – literária, televisiva, cinematográfica – muito familiar aos jovens contemporâneos. Delbrassine (2006), compartilhando do mesmo entendimento de Colomer (2015) quanto à tendência de hibridismo das narrativas jovens com o mundo do audiovisual, como efeito da globalidade destas produções literárias, acrescenta que se percebem esses efeitos, sobretudo, nos livros policiais, fantásticos ou de ficção científica, com cenários e intrigas semelhantes aos das séries televisivas (2006, p. 30). Isto é, são livros propostos para agradar o jovem leitor, a partir de sua convergência e conexão com produtos culturais de outras mídias. Em grande parte, são propostas de escrita preocupadas não apenas com os valores estéticos literários, mas também com os interesses mercadológicos, pois os livros “são construídos a partir das características literárias e comerciais”⁸, como refere Lluch (2009, p. 193).

Existe, nesse sentido, um grande investimento publicitário nas redes sociais, em relação às adaptações fílmicas ou de seriados televisivos que fazem ecoar o literário contemporâneo. Fora dos circuitos escolares, o mercado tem buscado atuar como o mediador da leitura para os jovens, através de grandes corporações editoriais e da indústria cultural que atuam globalmente em prol de uma homogeneização de interesses. Surgem, assim, os *best-sellers*

⁸ Trecho original: “se construyendesde las características literarias y desde las comerciales”. Tradução nossa.



e séries de livros com um núcleo comum de personagens e/ou intriga, dentro de um mesmo universo narrativo, que condicionam a leitura a parâmetros específicos. Desta forma, cativa-se um leitor consumidor que se fideliza a um autor ou série de livros, garantindo as vendas daquele produto/marca. De forma mais abrangente podemos dizer que grande parte dessa produção apresenta uma linguagem mais acessível e traz a intriga como elemento fulcral na construção da narrativa. Ademais, são obras que abordam temas do momento ou temáticas sensíveis aos jovens, conquistando deste modo muitos leitores, como bem comprovam as largas tiragens e as sucessivas reedições de muitos títulos (LLUCH, 2009).

No entanto, Silva contesta a conotação pejorativa adquirida por muitos destes livros, verdadeiros fenômenos de vendas, fazendo uma distinção entre *best-sellers* e outras obras de grande sucesso, mas com qualidade literária. Afinal, já faz um tempo que essas obras da “nova literatura” têm sido eleitas pelos jovens como preferidas para leitura (2012, p. 33). Em *best-sellers* do gênero fantástico, por exemplo, a magia de um imaginário infantil se deixa ler de forma tão apetecida, cumprindo-se a desejada “*intentio lectoris*” (ECO, 1990). Nessa direção, podemos pensar na existência desses livros que têm possibilitado que jovens leitores ainda não comprometidos com o ato de ler mergulhem na leitura. Assim, Silva recomenda cautela com os “rótulos” demasiadamente apressados para todos os títulos que encabeçam essa “nova literatura”. Afinal, como já abordamos anteriormente, o próprio conceito de literatura (e de leitura literária) vem sendo largamente problematizado, sublinhando-se a sua fluidez e consolidando-se ao mesmo tempo a noção de campo literário.

Na esteira dessas transformações, Martín-Barbero (2003) chama a atenção para o fato de que os jovens têm se reconhecido nessas novas narrativas com seus diferentes formatos, compartilhando-as e fundindo-se a elas. Assim, os jovens leitores têm a possibilidade tanto de se sentirem em casa com a leitura de narrativas que falam de seu tempo, sua idade, em um modo de vida comum, quanto de se sentirem fascinados pelas descrições de situações variadas e afastadas do contexto habitual. Ambas as possibilidades ocorrem em um momento de vida em que necessitam e buscam o desafio de se mostrarem ao mundo, na busca por constituírem suas próprias identidades.



Dessa forma, a leitura poderá lhes permitir a liberdade de pensamento, reinventando o mundo através da construção de um espaço entre o imaginário e o real com certo grau de autonomia. São jovens que se percebem como autônomos em suas buscas literárias e, adeptos de vivências na *web*, promovem uma propagação globalizada de conteúdos. Isto é, existe uma parte de jovens leitores que vivenciam uma busca vertiginosa por informações, novidades e conteúdos, sejam elas textos literários, ou não.

Nessa mesma direção, Lluch (2009) salienta duas características marcantes da literatura juvenil contemporânea. A primeira consiste das transformações sofridas pelo livro, que se tornou um elemento de consumo cultural mais amplo, com elementos estéticos que o aproximam dos *games* e outros produtos culturais, por exemplo, ou ecoam estereótipos de séries e celebridades; sua divulgação e publicidade lançam mão de estratégias similares às de *trailers* cinematográficos e televisivos, etc. A segunda aponta para a substituição da figura do jovem leitor associada a um jovem estranho e solitário, pela imagem de uma pessoa que procura vivenciar novas emoções, identificando-se cada vez mais com as propostas oferecidas pelas telas do cinema, pelos seriados da televisão, pelos anúncios publicitários que circulam nas redes sociais e se propagam por tudo (LLUCH, 2009, p. 2). Essas são transformações que trazem consigo uma diversificação do mercado (literário, livreiro) e do livro como mercadoria.

Esse contexto cria novas temporalidades juvenis, decorrentes de uma racionalidade que valoriza o efêmero, o flexível, a visibilidade, os compartilhamentos e uma sociabilidade em rede, em que predominam os *links*, curtidas, *likes*, *tweets*. Ou seja, as práticas de leitura passaram a ocorrer como uma atividade “exuberantemente social” (COLLINS, 2010) envolvendo criações participativas como no caso das *fanfics*. Assim, as práticas de leitura entendidas como experiência privada e introspectiva já não refletiriam a temporalidade juvenil atual (MORDUCHOWICZ, 2010, p. 62). Os livros e demais artefatos impressos exigiriam uma leitura sequencial e linear que difere das práticas exercidas pelos jovens na cultura digital, o que, para o autor, dificultaria a adesão às práticas de leitura tradicionais.

Buscar entender as práticas de leitura de um determinado tempo é também entender as relações entre seus múltiplos ato-



res-leitores, autores, mercado editorial e cultural, cada um com suas especificidades. Inegavelmente, tais práticas de leitura e as atividades de seu compartilhamento vêm se modificando em função da cultura digital e dos tentáculos de uma visão mercadológica. Se a leitura de livros já prescindiu do suporte do códice, que atravessou tantos séculos, é porque tablets, e-readers e, mesmo, celulares se constituíram como novos artefatos de veiculação de obras, com outras características e, mesmo, outra abrangência de obras. Por outro lado, a emergência da literatura digital, produzida especificamente para o meio virtual, contando com recursos multimodais e outras estratégias similares a *games*, veio tensionar a própria conceituação do literário.

Mas, para além das transformações do livro e de seus suportes de leitura, há que se citar as novas e diversificadas formas de incitação à leitura, emergentes na internet ou, mais especificamente, nas redes sociais. Assim, pode ser mencionada inicialmente a existência de sites como o *Skoob*, considerado a maior rede social brasileira que congrega leitores, se caracterizando como um lugar virtual de encontro de leitores, que postam apreciações sobre obras e trocam sugestões de leitura. Sites de livrarias, que permitem a leitura de trechos de obras e sugerem novas leituras, a partir de perfis de usuários, também são fruto desta articulação entre mercado, consumo, leitura e mundo digital. Já as redes sociais, que congregam milhares de usuários, como Youtube, Instagram, Twitter e Facebook, têm se constituído como um espaço aberto à emergência de fenômenos como os *booktubers* e *ebookstagrammers*, personagens que, sem a chancela tradicional da crítica literária e das instituições educativas e culturais, promovem a apresentação, a discussão e a troca de sugestões de leituras e livros – às vezes de forma especializada, às vezes não – atingindo um público mais ou menos numeroso, geograficamente separado mas com interesses compartilhados e, frequentemente, potencializados. A menção às frases compartilhadas, atribuídas a escritores reconhecidos, como Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu, que povoam postagens no Facebook – ainda que frequentemente apócrifas – pode ser vista, por outro lado, como uma atitude de valorização da palavra literária (ROSIN, 2016, *apud* MELO, 2020),



Assim, os entrelaçamentos cotidianos com a cultura digital têm permitido ao jovem leitor vivenciar uma relação íntima de leitura com outras formas de textualidades, estreitamente vinculadas com os fenômenos audiovisuais, com as mídias sociais, a interatividade, a convergência midiática, a instantaneidade, o encurtamento espaço-tempo e a hiperabundância de informações, proporcionando novos entendimentos e sentidos para suas práticas de leitura.

Considerações finais

Neste breve estudo procuramos abordar e articular perspectivas e elementos que atravessam as possibilidades de práticas de leitura dos jovens contemporâneos. Para isso, retomamos discussões sobre as práticas de leitura vivenciadas no contexto da cultura digital, a caracterização do literário espreado pela cultura e difundido em diferentes formatos e veículos, frequentemente sob a égide do mercado, e, então, discutimos tais implicações no que se entende como formação leitora.

Embora todas as práticas de leitura e seus objetos sejam considerados válidos e constituidores de leitores, a leitura literária vai ocupar uma posição diferenciada no processo de humanização, propiciando a imersão multifacetada nos problemas do mundo e das pessoas, promovendo o exercício de reflexão e de tomada de consciência de si e da realidade, ensinando a partir da própria vida, para assim, levar o leitor a olhar criticamente convenções, contextos e histórias únicas, com frequência consideradas como as 'verdadeiras'. Entendendo a importância do contato com o texto literário para a formação do jovem leitor, alguns autores questionam a profusão de uma prática de leitura juvenil associada a obras que, em grande parte, estão preocupadas principalmente com os interesses mercadológicos e, para tanto, frequentemente, se amparam em fórmulas e clichês que se mostraram bem sucedidos e são reatualizados continuamente.

No entanto, não há como negar que muitas dessas produções têm atuado como motor de leituras instigantes para jovens leitores e que a formação das competências leitoras desses jovens tem se constituído para além das mediações familiares e educa-



cionais. Uma indústria cultural e de entretenimento tem atuado de forma globalizada como mediadora dessa relação, favorecendo a adesão desses jovens ao mundo da leitura. Entretanto, é preciso lembrar que a sedução de muitas dessas obras frequentemente não emerge do trabalho com a linguagem, do favorecimento da reflexão pela complexidade do mundo narrado, mas, sim, de uma identificação com os valores correntes no contemporâneo, como das sociedades de consumo. Nesse sentido, essas narrativas muitas vezes não favorecem a ampliação do horizonte de expectativas, repetindo e confirmando a trivialidade do mundo. A fragmentação, o empobrecimento e a padronização de efeitos fáceis frequentemente marcam as apropriações e reescritas de textos nas redes. Mas, até que ponto eles não são ponte para o desenvolvimento da fluência leitora e – mais importante – para a emergência de interesse por outras obras mais desafiadoras e com mais potencial estético?

Dentro desse quadro, em pesquisa realizada com alunos do 6º e 9º ano de escolas públicas, na cidade de Porto Alegre – RS, foi possível identificar o quanto a cultura digital vem atuando de forma significativa na configuração das práticas de leitura, na produção, distribuição e na recepção de livros literários (ou nem tão ‘literários’), nos modos de fruição, na configuração dos leitores. Assim, ressaltamos que a maior parte do arsenal de leitura referido pelos alunos participantes da pesquisa se deu em suportes impressos prioritariamente e de obras posicionadas como literatura não-literária – best-sellers, trilogias e séries contemporâneas. Além desses textos ficcionais, cotidianamente existe uma prática de leitura que adere aos suportes digitais móveis, prioritariamente os celulares, em busca de informações diversificadas e mensagens imagéticas e textuais propagadas na *web*. Essa leitura caracterizada como fragmentada, dispersa e não linear é o que efetivamente o maior grupo de alunos realiza. Entretanto, é relevante referir que, nestes artefatos, há uma busca por informações referentes a livros que circulam nas redes sociais, livros que se vinculam a filmes e séries televisivas, mas também por informações complementares aos livros lidos – novos lançamentos de séries ou do mesmo autor; informações complementares sobre personagens dos livros ou dos filmes, entre outras.



Valter Hugo Mãe, em entrevista publicada numa obra que traz conversas com romancistas, relembra o que significava para ele, na adolescência, a leitura: “inspirava-me para uma existência mais densa, mais profunda, como se os livros fossem as pessoas com quem eu melhor poderia conversar, que passariam mais perto das conversas que gostava de ter” (VIEL, 2020, p. 88). Livros com que se pode conversar e que, ao mesmo tempo, inspirem para uma existência mais densa e mais profunda – certamente este é um horizonte desejável, sob o ponto de vista de quem se interessa pela formação de jovens leitores. E quais são/podem ser/seriam tais livros? Até que ponto interessam os suportes em que eles são veiculados? E em que medida e de que forma a socialização das leituras nas redes pode contribuir positivamente para tais encontros?

Num momento em que grande parte das práticas de socialização dos jovens e, também, das práticas escolares está acontecendo na internet e nas redes sociais, em função da pandemia do coronavírus, multiplicando e modificando o contato com o virtual, cabe perguntar que repercussões tais eventos terão na relação dos jovens com a leitura de forma geral, com a leitura nas telas grandes e pequenas (dos celulares) e com o literário ampliado, de que fala Cosson, ao abordar o derramamento e o trânsito do literário em diversificadas produções culturais. Se podemos colocar estas questões, certamente é prematura a especulação sobre quais serão as respostas, num momento em que ainda não se esboça precisamente como será o mundo pós-pandemia.

Referências

BLOOM, H. **Contos e poemas para crianças extremamente inteligentes de todas as idades**. v. 1, 2, 3, 4. Trad. de José Antonio Arantes. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

CANDIDO, A. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, A.C.R. (Org.). **Direitos humanos e...** São Paulo: CJP; Brasiliense, 1989.

CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Ciência e cultura**, São Paulo. USP, 1972.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.



- CERRILLO, P. **El lector literario**. México: DCE, 2016.
- COLLINS, J.B. **On the books for everybody**: how literary culture became popular culture. Durham: Duke University Press, 2010.
- COLOMER, T. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Trad. de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2015.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2017.
- CRUVINEL, L.W.F. **Narrativas juvenis brasileiras: em busca da especificidade do gênero**. 2009. 190 f. Tese (Doutorado em Linguística, Letras e Artes) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.
- DIAZ-PLAJA, Ana. Entre livros: La contruccion de um itinerário lector próprio em la adolescência. In: Colomer, T. **Lecturas adolescentes**. Barcelona: Graó, 2009.
- DELBRASSINE, D. **Le roman pour adolescents aujourd’hui: écriture, thématiques et reception**. Paris: SCÉRÉN-CRDP de Académie de Créteil; La Joie par les Livres – Centre National du Livre Pour Enfants, 2006.
- ECO, U. **Os limites da interpretação**. Lisboa: Difel, 1990.
- HAYLES, K. N. **Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário**. São Paulo: Global, 2009.
- LLUCH, G. **Literatura infantil Y juvenil y otras narrativas periféricas. Publicación**: Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2009.
- LLUCH, G. La narrativa para los adolescentes del siglo XXI. In: BLANCA, A. R.; LÓPEZ, I.S.; RODRIGEZ, M..N. (Coords.). **A narrativa xuvenil a debate (2000-2011)**. Galicia: Xerais de Galicia; USC, 2012.
- MATIA, K.C. **A narrativa juvenil brasileira: entre temas e formas, o Fantástico**. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- MELO, C.A. de. **#Bookstagram: retratos do leitor literário na contemporaneidade**. Projeto de tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Porto Alegre: 2020.
- MORDUCHOWICZ, R. **A geração multimídia**. In: Lluch, G. (Coord.). **Las lecturas de los jóvenes: un nuevo lector para un nuevo siglo**. Barcelona: Anthropos, 2010. p. 59-71.



Patrícia Aparecida Machado; Rosa Maria Hessel Silveira

NUNES, B. Ética e leitura. *In*: **Crivo de papel**. São Paulo: Ática, 1998. p. 175-186.

SILVA, M. M. M. C. T. Uma escrita de transição: contributos para uma reflexão sobre literatura juvenil. *In*: BLANCA, A.R.; LÓPEZ, I.S.; RODRIGEZ, M.N. (Coords.). **A narrativa xuvenil a debate (2000-2011)**. Galicia: Xerais de Galicia; USC, 2012.

TURCHI, M. Z. O estético e o ético na literatura infantil. *In*: CECCANTINI, J.L. (Org.). **Leitura e leitura infantojuvenil: memória de Gramado**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2004.

VIEL, R. **Sobre a ficção: conversas com romancistas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

